

Indústria quer crescimento

SÃO PAULO —A indústria brasileira está apostando que as exportações poderão alavancar o crescimento do setor este ano. Além disso, ela pretende manter o nível de investimentos realizado no ano passado. A avaliação é de Roberto Faldini, diretor do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).do

O diretor da Fiesp prevê que o setor industrial espera um ano melhor que o de 1999. “Em 1999, foi feito um trabalho de reconquista de mercado e, aliado ao câmbio favorável, há chances de as empresas incrementarem seus negócios com os Estados Unidos, Europa e Ásia”, analisa ele.

Apesar de ver possibilidades de boas perspectivas para este ano, Faldini destaca que boa

parcela do clima favorável está vinculada ao rumo que o governo der ao país. “O estopim positivo de investimentos está ligado às ações e ao caminho que o governo e seus poderes decidirem tomar. Pode ser o da modernidade ou da mediocridade”, alertou o diretor da Fiesp.

Reformas necessárias — No entender de Faldini, as reformas tributária, previdenciária e o complemento da reforma administrativa acarretariam queda da taxa de juros, a estabilidade cambial e a criação de poupança para investimentos futuros. Esses componentes alavancariam a geração de emprego, o aumento do consumo e a diminuição da crise social. Para o diretor do Departamento de Pesquisas da Fiesp, o setor industrial não sentiu, em 1999, a plenitude da recuperação no

ano passado, devido a alta das taxas de juros.

O presidente da Associação Comercial do Estado de São Paulo, Alencar Burti concorda que a conclusão das reformas tributária e fiscal vai melhorar o cenário econômico do ano 2000. “Elas mudarão a cara do país porque o setor empresarial será mais competitivo e os governantes terão que viver do orçamento como o cidadão comum”, explicou.

O presidente da Associação alertou que o comerciante deve estar atento para o movimento ditado pela competição, preço e atendimento e, principalmente, o novo comportamento e exigências dos consumidores. “Não ter essa atenção pode significar perda de mercado”, salientou.

De acordo com Burti, depois

de quatro anos de implantação do Plano Real, o consumidor passou a viver do orçamento. “Hoje o consumidor brasileiro tem uma postura próxima à do europeu ou do norte-americano. Faz cálculos e pechincha antes de decidir-se pela compra.”

As análises de Burti demonstram que o resultado de 1999 foi favorável ou pelo menos sem prejuízos. Os prognósticos de março do ano passado indicavam que a inflação se elevaria para mais de 20% e o Produto Interno Bruto seria 4% menor. Isso não se confirmou e o ano deve fechar com crescimento de 1,5% no comércio.

Houve ainda mudanças estruturais na força de vendas. Burti lembra que o comércio passou vivenciar crescimento e competição similares às dos supermercados.